



## A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE

Laryssa Prado Henrard <sup>1</sup>  
Clayton Washington dos Reis <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo analisa a utilização do medicamento, na atualidade, enquanto recurso para amenizar o sofrimento psíquico. Constitui-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, utilizando como material: artigos científicos, monografias, dissertações e teses. Pôde-se observar que o uso do medicamento tem sido indiscriminado e utilizado para amenizar situações que são próprias da condição humana, sobretudo quando se volta para o uso do psicotrópico, que se constituído em objeto de consumo na sociedade capitalista.

**Palavras-chave:** Medicalização; Sofrimento Psíquico; Contemporaneidade

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre a utilização do medicamento na atualidade enquanto recurso para amenizar o sofrimento psíquico na sociedade capitalista. Em outras palavras, propõe-se, em uma análise mais ampla, discutir a forma como o medicamento psicotrópico é visto na contemporaneidade.

O avanço tecnológico traz em seu bojo uma série de benefícios, como por exemplo, a possibilidade de desenvolvimento de vários medicamentos que curam e amenizam os efeitos de patologias. Se por um lado, esse avanço promove a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas, por outro deixa passar as malefícências ocasionadas de forma sutil diante do consumo desses medicamentos, que impreterivelmente, possui efeitos colaterais a curto, médio e longo prazo. Nesse sentido, como fórmula única, o medicamento, por ser uma solução considerada eficaz, muitas vezes, é visto como único método de tratamento, inclusive quando nos referimos ao sofrimento psíquico (GONÇALVES; FERREIRA 2008)

---

<sup>1</sup> Graduação em psicologia pela Faculdade de Guairacá, Brasil(2012)

<sup>2</sup> Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil(2011)  
Professor Colaborador da Universidade Estadual do Centro-Oeste , Brasil

Apesar de não tratar a etiologia da doença, o medicamento vem servindo como mais um objeto de consumo, atendendo assim, os ditames do mundo capitalista, que transforma toda mercadoria em algo passível de ser consumido. Ao focarmos nossa discussão, no tratamento do sofrimento psíquico, podemos observar que o sujeito que adoece psiquicamente, não é percebido como um ser complexo em suas múltiplas dimensões biopsicossocial. Ao invés disso, vem sendo estudado por diversas áreas, que buscam algum tipo específico de intervenção. Temos, portanto, uma visão mais ampla diante do sujeito contemporâneo, a medicação do sofrimento psíquico e suas implicações na vida dos sujeitos (IGNÁCIO; NARDI 2007).

De acordo com Guarido (2007), vivemos um momento histórico em que somos obrigados a conviver com discussões médicas que nomeiam os sofrimentos humanos. Esses discursos são amplamente socializados e passam a coordenar a relação do indivíduo com sua subjetividade e suas aflições. O mesmo autor ainda destaca, que por trás dos discursos médicos, encontram-se o interesse ávido das indústrias farmacêuticas, que de forma perspicaz, contribuem para a disseminação do consumo de medicamentos.

O entendimento dessas questões traz a possibilidade de reflexão sobre o tema abordado, no intuito de conscientização no que diz respeito à medicalização, como ela é vista na atualidade e sobretudo a preocupação com o tratamento do sofrimento psíquico de forma que o bem-estar do indivíduo seja percebido com prioridade, e não somente o alívio de seus sintomas. Mas também, compreendendo que o consumo de psicotrópicos na sociedade contemporânea relaciona-se com a visão de que o medicamento também é concebido como um produto a ser consumido. A respeito disso, Aguiar (2005 apud CALAZANS; LUSTOZA 2008, p.126) afirmam que,

A propaganda, ao divulgar os medicamentos como produto de consumo, tende, entre outras coisas, a induzir a automedicação, agravar patologias ou sintomas, incentivar a aquisição de produto ineficazes ou inadequados e ampliar os gastos do Sistema de Saúde, inclusive no que diz respeito ao tratamento de intoxicação medicamentosa, que ocupa o primeiro lugar no ranking de intoxicações nos centros de controle de toxicologia e farmacovigilância do Brasil.

Segundo Nogueira (2009), a partir dessa suposição é possível destacar que o envolvimento afetivo com o outro, considerando este num propósito terapêutico e na dimensão do cuidado, já que o tratamento vai além de tratar o sintoma ou intervir no corpo por meio de tecnologias, se amplia na relação que se estabelece com o paciente enquanto sujeito possuidor de uma história, saberes, considerando assim a sua individualidade.

## **2 DISCUSSÕES METODOLÓGICAS**

A metodologia pode ser caracterizada como o caminho que se percorre na construção intelectual ou prática de determinada ciência. Nesse sentido, a adoção de um método científico é tarefa primordial. Para Goldenberg (2000, p. 104), método científico consiste em uma,

[...] observação sistemática dos fenômenos da realidade através de uma sucessão de passos, orientados por conhecimentos teóricos, buscados explicar a causa desses fenômenos, suas correlações e aspectos não revelados.

Com o intuito de produzir Ciência, adotou-se para a presente pesquisa a natureza qualitativa para aproximação das informações, sendo realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico. De acordo com Toledo (2011), o estudo de caráter qualitativo consiste em uma pesquisa na qual o pesquisador se propõe num primeiro momento, considerando o tema escolhido, desenvolver uma rotina investigativa no que diz respeito ao tema abordado. Sendo assim, realizou-se um levantamento bibliográfico e leitura exploratória, objetivando o pesquisador a ter uma visão geral do tema abordado e sua linha de pensamento no que diz respeito ao determinado tema.

Essa leitura parte do princípio que para a realização do trabalho científico se torna indispensável à análise exploratória e temática, sendo esta leitura interpretativa, considerando a obra de cada autor, referências bibliográficas e confronto dessas informações. Para o entendimento e compreensão do objeto pesquisado é necessário o acúmulo de leituras sobre o tema abordado, considerando caminhos e temas diferentes, estes relacionados a cada autor pesquisado (TOLEDO, 2011).

Por ser um estudo bibliográfico, a fonte de pesquisa utilizada foram: artigos científicos publicados em periódicos, monografias, dissertações e teses. O material produzido foi encontrado por meio de pesquisas realizadas junto ao Portal de Periódicos da CAPES, aos bancos de teses e dissertações e visita à biblioteca da Faculdade Guairacá.

O objeto de estudo eleito para a presente revisão bibliográfica refere-se à produção científica acerca do uso de medicamentos para o tratamento e/ou amenização do sofrimento psíquico, percebendo como a Ciência tem encarado o medicamento enquanto recurso, bem como suas vantagens e desvantagens, no que diz respeito à sua saúde, bem-estar e consequências que a medicação implica. Juntamente com esses conceitos, destaca-se o quanto o medicamento tem sido visto como um produto a ser consumido diante da sociedade capitalista.

Para tal estudo foi realizado um levantamento de dados, que analisa o foco de cada área de atuação no que diz respeito à medicalização, estes possuindo uma ligação direta ou indireta aos tipos de tratamento do sofrimento psíquico e suas implicações, ponderando um embasamento científico para tais, sendo estas: a Psicologia, a Medicina, a Farmacologia, a Sociologia e o Marketing.

Esse estudo possibilitou a observação de aspectos do humano biopsicossocial dentro da pesquisa. Assim, a pesquisa sobre a medicalização mostra-se bastante evidente enquanto forma de tratamento para os portadores de sofrimento psíquico, sendo observados apontamentos em que a medicação mostra-se soberana em relação aos outros tratamentos na visão do homem contemporâneo.

A pesquisa proporcionou estudo do tema escolhido pelos pesquisadores, relacionando este à visão dos diversos campos profissionais ligados a área da saúde, enfatizando a importância da medicação enquanto uma forma de tratamento e possibilitando a compreensão de como o medicamento tem sido visto como um produto de consumo.

Cervo *et al* (1983, *apud* BEURENet *al*, 2003 p.83) define a pesquisa bibliográfica sendo esta a que “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre determinado tema, assunto ou problema”.

Segundo Toledo (2011) para que se torne possível a realização de uma pesquisa bibliográfica é importante que o pesquisador siga os estágios estabelecidos, que servirão de guia durante todo o processo de pesquisa, seguindo assim seus objetivos propostos. Estes estágios foram seguidos para a realização da presente pesquisa, sendo estes o levantamento minucioso de bibliografia, a seleção do que foi utilizado na presente pesquisa, a realização de leituras que propiciaram a autora o conhecimento a respeito do tema escolhido, a organização dessas leituras e o registro de informações relevantes, que apresentaram à autora possibilidades de elaborar resultados e dados conclusivos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após a análise bibliográfica de diferentes campos de trabalho, utilizando a pesquisa de formas diferentes do saber, no que se relaciona a medicalização e suas implicações enquanto recurso amenizador do sofrimento psíquico pode-se destacar as referências do campo da medicina, da psicologia, da farmacologia, da sociologia e do marketing.

#### **3.1 A MEDICINA E A MEDICALIZAÇÃO**

Partindo do pressuposto de que a medicalização segue o modelo psiquiátrico americano apresentado pelo discurso hegemônico e o DSM-IV revisado, sendo este uma referência mundial de diagnóstico dos transtornos mentais, que globalizou o modelo psiquiátrico, a medicalização aparece como uma indicação prioritária das intervenções médico-psiquiátricas, associadas aos procedimentos diagnósticos descritivos. E tem como objetivo o discurso científico juntamente com a socialização do discurso médico, estabelecido pela mídia e marketing, obtendo finanças da indústria farmacêutica. É possível reconhecer o destaque do paradigma do modelo

**A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

médico na produção de veracidade acerca do sofrimento psíquico e de sua natureza (GUARIDO, 2007).

O ponto de vista da psiquiatria clássica, conforme afirma Guarido (2007), de uma forma geral esteve às voltas com fenômenos psíquicos não codificáveis no que se refere ao funcionamento orgânico, reservando espaço à dimensão enigmática da subjetividade. A psiquiatria atual requer uma naturalização do fenômeno humano e um condicionamento do sujeito à bioquímica cerebral, sendo somente regulável pelo uso dos medicamentos. Partindo desse pensamento, pode-se destacar conforme afirmou Guarido (2007, p. 154).

Há aí uma inversão não pouco assustadora, pois na lógica atual de construção diagnóstica, o remédio participa da nomeação do transtorno. Visto que não há mais uma etiologia e uma historicidade a serem consideradas, pois a verdade do sintoma/transtorno está no funcionamento bioquímico, e os efeitos da medicação dão validade a um ou outro diagnóstico. O caráter experimental da administração de medicamentos pode ser acompanhado nos procedimentos médicos atuais, bem como a mudança dos diagnósticos pela variação dos sintomas apresentados em certo espaço determinado de tempo.

A esse respeito, Bechelli (2003) assinala que os antipsicóticos de ação prolongada em pacientes portadores de sofrimento psíquico necessitam de um acompanhamento multidisciplinar para a eficácia do tratamento, sendo necessário mais que apenas o comparecimento do paciente para a aplicação do medicamento. A adesão ao tratamento seria inevitavelmente baixa. Assim, o doente e a família necessitam de atenção, apoio e orientação para um tratamento eficaz. O plano de tratamento envolve fatores biológicos, psicológicos e sociais. Torna-se necessária uma abordagem multimodal que associa o tratamento farmacológico e psicossocial, tais como: terapia ocupacional, psicoterapia individual, familiar e de grupo.

Embora exista a necessidade de um acompanhamento cuidadoso no que diz respeito à medicação durante um tratamento, podemos destacar apontamentos importantes no que se refere à medicalização e a sociedade envolvida no editorial Automedicação da Revista da Associação Médica (2001), afirmando que existem inúmeras razões pelas quais as pessoas chegam a se automedicar, apontando a propaganda descomedida e massiva de determinados medicamentos que se sobressaem às tímidas campanhas com intuito de esclarecimento no que diz respeito aos perigos da automedicação. As dificuldades e custos que implicam obter a opinião médica, a limitação do poder prescritivo, o desespero e a angústia, ocasionados pelos sintomas ou pela possibilidade de doença. Muitas vezes, informações no que diz respeito aos medicamentos são buscados na internet, ou outros meios de comunicação e a falta de programas educativos sobre efeitos muitas vezes irreparáveis da automedicação, tornam-se alguns dos motivos dos sujeitos utilizarem o medicamento, ausente da irrelevante perspectiva de conhecimento sobre o medicamento e o que envolve no tratamento de sua

patologia em questão.

Segundo Pellegrini (2003 *apud* NOGUEIRA, 2009), a vivência do sofrimento psíquico, pode afetar os indivíduos em algum momento da vida e com o passar dos anos, a forma como a sociedade lida com esse tipo de sofrimento está sendo alterada. No passado, privilegiavam-se os sentimentos e os espaços para a reflexão e introspecção. Na atualidade, é evitado o contato com o sentimento, existe uma necessidade de superação rápida, o afastamento da dor de maneira instantânea. Atualmente, quando a experiência da dor emocional é vivida, quase sempre é uma vivência solitária e não mais compartilhada.

Diante desta discussão, pode-se destacar o conceito de erro de medicação, proposto por Rosa e Perini (2003, p 337).

Erro de medicação é qualquer evento evitável que, de fato ou potencialmente, pode levar ao uso inadequado de medicamento. Esse conceito implica que o uso inadequado pode ou não lesar o paciente, e não importa se o medicamento se encontra sob o controle de profissionais de saúde, do paciente ou do consumidor. O erro pode estar relacionado à prática profissional, produtos usados na área de saúde, procedimentos, problemas de comunicação, incluindo prescrição, rótulos, embalagens, nomes, preparação, dispensação, distribuição, administração, educação, monitoramento e uso de medicamentos.

Na contemporaneidade, a medicação continua sendo a indicação prioritária, criando possibilidades associadas à automedicação, o medicamento enquanto mercadoria e conseqüentemente o aumento de poder do discurso médico no que se relaciona ao sofrimento psíquico e sua origem. Partindo desse pressuposto, é possível ressaltar que na atualidade a psiquiatria causa uma naturalização do fenômeno humano e um condicionamento do sujeito à bioquímica cerebral, propondo ser unicamente regulável pela utilização de remédios. Sendo assim, os indivíduos medicalizados compartilham da criação do transtorno, tendo como verdade a nomeação dos mesmos através dos sintomas relatados, pelo funcionamento bioquímico e os efeitos dessa medicação acabam por validar seus diagnósticos (GUARIDO, 2007).

### 3.2 A PSICOLOGIA E A MEDICALIZAÇÃO

Para Rodrigues (2003), os limites da Psiquiatria Biológica vão consecutivamente se expandindo, o que anteriormente era considerado como característica da personalidade atualmente é transformada em doença. A visão do sujeito contemporâneo é a uma progressiva compreensão neuroquímica dos fenômenos psíquicos, em que todos os dias são criados novas patologias para as quais se busca uma solução medicamentosa. Quadros como a neurose depressiva, por exemplo, em função de sua resposta à medicação, recebem uma nova denominação nosológica convertida em “transtornos” e passam a ter a medicação

como tratamento único e preferencial.

Partindo da hipótese de que evitar o mal-estar é o primeiro plano, torna-se natural a busca de uma técnica capaz de reduzir ou eliminar o sintoma psíquico, como se esse pudesse ser tratado da mesma maneira que um sintoma objetivável. Para a programação desse projeto se faz necessário identificar problemas mentais a problemas cerebrais, tratando o sintoma como se fosse uma entidade localizável no espaço e no tempo. Torna-se fundamental para o projeto medicalizante fazer uma aliança com as conquistas da biologia, fisiologia, genética e neurociências. O cientificismo seria a crença de que as ciências naturais poderiam fornecer uma orientação ética para o devir humano em geral. Nesse contexto ganha espaço a via cognitivo-comportamental, por ser uma psicoterapia que promete uma abordagem objetiva e naturalizante do homem (CALAZANS; LUSTOZA 2008).

Gonçalves e Ferreira (2008) afirmam que, o avanço da biomedicina e da engenharia genética, gerou possibilidades de desenvolver novos métodos de diagnóstico de tratamentos, o que torna o fato da medicalização ser vista como solução de muitas mazelas do homem contemporâneo, deixando esta discussão a cada dia mais complexa. Outro exemplo que pode ser destacado, comum nos dias atuais, é o diagnóstico de hiperatividade. Uma criança que não se comportava bem na escola, alguns anos atrás era considerada um caso para que os pais e a escola repensassem aos métodos de ensino, de recuperação e de educação dessa criança, ou seja, parassem para refletir sobre a resolução do problema. Na atualidade, este mesmo caso, muitas vezes é considerado pertinente à saúde e, por isso é realizado o diagnóstico. Neste caso, um problema a ser resolvido pelo médico, que poderá receitar a medicação derivada de anfetamina, o metilfenidato, que fará com que a criança apresente um comportamento mais adequado. Mais uma vez destacamos aqui o fato de que, o que antes era considerado “características da personalidade”, hoje é invertido para doença.

A veneração da medicação como a resolução sugerida pelas indústrias farmacêuticas tem o objetivo estabelecer um indivíduo sem conflitos, desconsiderando a subjetividade de cada sujeito, formando padrões de normalidade que almejam dar conta dos conflitos da natureza (GONÇALVES; FERREIRA 2008).

Segundo afirma a psiquiatria, é grande o número de pessoas que procuram essa especialidade médica, não por estar portando alguma enfermidade, mas porque querem mudar o seu humor, sua personalidade, seu jeito de ser. Desejam fazer uma maquiagem no seu psiquismo, no seu estado de espírito. O bem de consumo prometido é uma alegria artificial que não dá margem a alterações de humor, que pode ser percebida ao analisar as propagandas dos laboratórios farmacêuticos onde há pessoas estonteantes de tanta alegria e vigor. É evidente, que quem busca em remédios uma “máscara para a alma” precisa lembrar que são paraísos artificiais. Essas substâncias atuam somente na regulação do mal estar do indivíduo, pois não analisa na profundidade o que se passa com o sujeito, não

eliminando as causas de seu sofrimento (PELEGRINI, 2003).

Partindo desse pressuposto, podemos destacar a descrição feita por Canabarro e Alves (2009, p. 847).

[...] os psicofármacos acabaram por assumir, na sociedade contemporânea, um papel de destaque. Atuam aplacando qualquer indício de conflito, qualquer coisa capaz de evidenciar o que é mais próprio do humano. Em um contexto que apregoa a ausência de litígio, os psicotrópicos apareceram como os curingas do jogo social.

Segundo Canabarro e Alves (2009), está claro o porquê da neurobiologia e da psicofarmacologia ganharem um espaço cada vez mais abrangente na sociedade contemporânea, abatendo aquilo que mais poderia distingui-lo enquanto ser único e singular, o sujeito de seu inconsciente. O homem contemporâneo observa-se em meio a um discurso que procura homogeneizá-lo e tratar de seus sintomas de forma universal, sem que suas possíveis significações sejam buscadas.

Na contemporaneidade, a subjetividade do sujeito é cada vez menos priorizada. A visão de homem biopsicossocial dificilmente é ponderada com a devida importância. Percebe-se como prioridade maior e incessante o bem-estar orgânico por uma forte cobrança da sociedade, do capitalismo, do mercado de trabalho e da sobrevivência em si. A saúde perfeita é apenas observada como orgânica, os sintomas medicados são confundidos com sintomas tratados. Dessa forma, a cada dia surgem mais patologias e o tratamento do sofrimento psíquico é percebido como um vício sem fim de medicamentos, pois sem os mesmos os sujeitos acreditam não conseguir progredir, ou melhor, desacreditam na sua melhora (GUARIDO, 2007).

O papel da psicologia é de conscientização no que se refere às necessidades que a saúde mental e sofrimento psíquico implicam, considerando a relação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. O sujeito é percebido em sua complexidade, dentro desses aspectos inerentes de sua vida. A psicologia enfatiza sua atuação preservando a autonomia e a participação ativa dos sujeitos no processo de tratamento.

### 3.3 A SOCIOLOGIA E A MEDICALIZAÇÃO

A medicalização social provoca uma transformação cultural dos sujeitos, considerando o modo como a população pensa acerca do papel do medicamento na sociedade, a medicalização e outras formas de tratamento. Por este motivo acaba por reduzir o manejo autônomo de parte dos problemas de saúde e gerando uma excessiva demanda ao Sistema Único de Saúde (TESSER, 2006).

Segundo Tesser (2006), a medicalização social é um fato complexo, tendo significados que variam conforme o enfoque dos estudos que a tematizaram. A medicalização em si está associada às transformações socioculturais, políticas e



Laryssa Prado Henrard  
Clayton Washington dos Reis

## A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

científicas. Portanto, relacionada à inclusão de normas de conduta de origem biomédica, na cultura geral e à redefinição de experiências humanas como se fossem problemas médicos. A medicalização está, de tal modo, ligada às formas autênticas, oficializadas e profissionalizadas de cuidado e tratamento, lideradas pela biomedicina.

Partindo desta implicação, pode-se destacar a explanação de Tesser (2006, p. 915),

Ainda que esse processo não possa ser imputado apenas à ação médica, as formas de interpretação e ação biomédicas tendem a reforçar a medicalização. Nelas, há uma tendência à redução dos adoecimentos a problemas da “máquina humana” que a tecnologia químico-cirúrgica irá resolver (ou, enquanto tal não ocorre, que demandam submissão ao “estilo de vida saudável”). Há um aumento da realização de procedimentos profissionalizados, diagnósticos e terapêuticos, desnecessários e, por vezes, danosos. E ocorre, ainda, uma redução da perspectiva terapêutica com desvalorização da abordagem do modo de vida, valores, dos fatores subjetivos e sociais relacionados ao processo saúde-doença.

Partindo do pressuposto de que a medicalização é vista como curativa do sofrimento psíquico e juntamente com o biopoder<sup>3</sup>, estimulam o pensamento coletivo, se tratando de um “ideal de saúde”, por meio da mídia ou pela indústria médica, qualquer sinal de dor é visto como ofensivo e, portanto, como devendo ser extinto da vida dos indivíduos. Qualquer que seja a diferença em relação a esse ideal é vista como um desvio, um distanciamento maior, e insuportável, da perfeição de saúde, devendo ser 'ajustada'. O ajuste acontece, portanto, por meio da medicação (MARTINS, 2004).

Os afetos são mobilizados e manipulados narcisicamente, no sentido de suscitar nas pessoas o sentimento e a fantasia de que caso não siga o ideal coletivo da saúde, estará não só inferiorizando à própria saúde, mas principalmente fora do agrupamento humano atual, e se tornará um excluído simbólico, não tendo participação na moda que une as individualidades atuais e, assim sendo, estará abaixo dos outros, dos incluídos fantasiosamente (MARTINS, 2004).

Segundo Ignácio e Nardi (2007), o dispositivo da medicalização maquina um comando nas tecnologias de si. A medicalização instala a tolerância e, enquanto as

---

<sup>3</sup>Michel Foucault (1993) cita o termo biopoder em sua obra “*A vontade de saber*” no livro *A História da Sexualidade*, em que afirma que a velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano, é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Foucault cria o termo referindo-se ao exercício dos estados modernos e sua regulação como sendo “uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações” (FOUCAULT, 1993, p.131). O autor relata que o biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção aos processos econômicos.

emoções estiverem controladas, dificilmente serão investidas formas de resistência coletivas. Por esta razão, tal dispositivo é entendido, concomitantemente, como princípio inibidor e irá manter-se uma forma específica de poder. O consumo de medicamentos é, conseqüentemente, uma tecnologia que se encontra intensificada e naturalizada nos corpos, que passa a determinar as condições de saúde de uma sociedade, portando uma sociedade calada diante do bem-estar e benefícios mascarados que o medicamento lhes proporciona. Esta tecnologia se consolidou como o sentido atribuído à saúde neste meio e, enquanto estes modos de vida sobreviverem, sempre haverá fluoxetinas, sertralinas, diazepam, alprazolans...

### 3.4 A FARMACOLOGIA E A MEDICALIZAÇÃO

Segundo Melo, Ribeiro e Stopirtis (2006), a questão relacionada ao uso do medicamento aparece como ponto responsável pelos gastos com saúde, sua utilização de modo apropriado nunca esteve tão presente no cotidiano dos sujeitos, nem foi tão discutida. Na contemporaneidade, existe grande necessidade de racionalização de recursos, sobretudo nos países mais pobres. Partindo do pressuposto de que os medicamentos representam boa parcela dos gastos públicos com saúde e não são substâncias inócuas, cada vez mais, se reconhece a necessidade e a importância dos estudos que analisam os tratamentos medicamentosos e a medicalização da população.

Estudos mostram que existem possibilidades por meio da aplicação da farmacoeconomia e da farmacoepidemiologia como instrumentos no combate à utilização inadequada de medicamentos e a gastos desnecessários. Por meio da detecção de irregularidades, ineficácia e eventos adversos com a utilização inadequada de medicamentos possibilitam, em nível macro, o desenvolvimento de políticas governamentais e, em nível micro, a realização de intervenções educativas apresentando medidas em que se objetiva a utilização dos medicamentos de forma racional (MELO; RIBEIRO; STOPIRTIS 2006).

O acesso comercial é um dos fatores que se mostra presente e exerce fortes influências com relação à prescrição de medicamentos e seu consumo, existindo também várias opções farmacêuticas para um mesmo fim. O marketing desses produtos torna-se um elemento essencial para diferenciação entre eles. Os gastos da indústria farmacêutica com publicidade refletem sua importância para o setor. Com a conscientização de que os estudos de utilização de medicamentos são coerentes para a detecção, análise e solução dos problemas advindos da utilização inadequada dos medicamentos, reforça-se a tendência de crescimento do número desses estudos e das instituições que apoiam sua efetivação, proporcionando condições de serem realizados com maior fidelidade aos seus dados, tais como prescrição eletrônica, melhoria da qualidade dos prontuários, tanto em sua organização como na melhor descrição da evolução clínica (MELO; RIBEIRO; STOPIRTIS 2006).

**A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

O preparo da sociedade com relação à utilização do medicamento pode proporcionar ao homem, num contexto amplo, mais que benefícios econômicos. Embora a farmacologia constate a relevância do assunto com relação aos gastos públicos através da análise de tratamentos medicamentosos e a medicalização, requer também a conscientização dos usuários de medicamentos conforme suas necessidades, propondo um consumo racional da medicação. Esse modo de pensar a medicalização constata que existe essa necessidade não somente para o bem-estar do indivíduo e dessa “reforma” econômica que ele se depara, mas interfere de forma direta no tratamento e nos seus resultados.

**3.5 O MARKETING E A MEDICALIZAÇÃO**

Para Custório e Vargas (2005), de forma espontânea e junto à população consumidora de produtos farmacêuticos, a propaganda é empregada como um instrumento a mais para reforçar a cultura da medicalização da vida. Pode-se ponderar este fator, associando-o a um sistema de ideais de consumo distribuída na sociedade, como a passagem mais acelerada para se obter a saúde desejada, o bem-estar e a felicidade esperada por todos.

O uso dos medicamentos passou a ser tratado como um simples produto de consumo, o que importa é o capital que este mercado envolve. As farmácias não são consideradas estabelecimentos de saúde, mas sim, como comércios que sofrem com a concorrência como qualquer outro, gerando assim uma disputa por clientes que acabam por comercializar vários produtos, até mesmo medicamentos. Partindo desse apontamento, podemos destacar a ponderação de Custório e Vargas (2005 p.53),

Em muitos desses estabelecimentos, os balconistas prescrevem com base na propaganda e nos prêmios e incentivos dados pela indústria. Atividade perigosa para medicamentos de venda livre e pior ainda para medicamentos de venda sob prescrição médica. As pessoas precisam se conscientizar de que, se usado de forma incorreta, o medicamento é uma arma que pode levar à morte. A educação continuada dos profissionais de saúde e informação correta para a população se fazem necessárias. O Estado deve garantir que os interesses coletivos prevaleçam sobre os privados através de campanhas de conscientização e de rigor no cumprimento da legislação. A população mais informada se defende melhor contra as armadilhas da indústria e do comércio.

Embora a fiscalização da venda de medicamentos esteja cada vez mais rígida, ainda pode-se destacar o fato de que o medicamento não mais é visto pelo homem contemporâneo como uma associação de substâncias com um fim preventivo ou curativo que implica em agir diretamente em funções fisiológicas. Devido ao avanço tecnológico e o mercado de consumo competitivo, o medicamento é visto como produto, e não tratado com a seriedade e atenção necessária ao seu consumo

(CUSTÓDIO; VARGAS 2005).

Partindo do ponto de vista de diferentes saberes, pode-se ressaltar o descontrole num contexto social com relação à venda de medicamentos e tratamento com os mesmos. Enquanto a medicalização apresenta muitos benefícios ao homem contemporâneo, por trás dela existe outro lado muitas vezes despercebido. O homem, de sujeito autônomo passa a ser dependente, partindo do ver em que depende dessa medicação, não se permite sofrer, não se permite adoecer, nomeia e medica tudo o que lhe proporciona mal-estar, desconsiderando sua história de vida e sua subjetividade enquanto sujeito.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura testemunha e pesquisas apresentadas nas diversas áreas constata que os fenômenos psíquicos são de uma complexidade grande. Diante do tratamento em que o sofrimento psíquico é chave principal, demonstram-se necessidades que vão além de tratar o orgânico e os benefícios que o medicamento proporciona, devem ser considerados aspectos da história do sujeito, sua subjetividade e suas funções biopsicossociais. O sofrimento psíquico deve ser analisado de forma aberta à equipe multiprofissional, propondo diferentes formas do saber.

Pesquisas no campo da medicina apontam a medicalização como forma de intervenção prioritária no tratamento do sofrimento psíquico, embora ressalte a necessidade que os pacientes e seus familiares têm de atenção, apoio e orientação, sobretudo da participação da equipe multidisciplinar e a administração correta da medicação durante o tratamento.

A Psicologia não nega a importância do medicamento, embora ressalte a necessária consideração da história de vida, a subjetividade e a visão biopsicossocial, bem como a complexidade que o sofrimento psíquico acarreta. Num contexto mais amplo pode-se destacar o fato de que o homem contemporâneo não só trata psicopatologias através dos medicamentos, mas também não se permite mais entristecer, indo em busca da medicação em primeiro plano e/ou acaba por criar novas patologias diante da necessidade da medicação. Além disso, a medicação muitas vezes é vista em nossa sociedade como única forma de tratamento, apresentando um número cada vez maior de indivíduos voltados para essa posição cega de que apenas tem que tratar o biológico, tratando sintomas de forma comum e universal.

Se por um lado a medicalização contribui no tratamento de diversas patologias, por outro tem criado novas patologias. Os indivíduos apresentam-se pouco dispostos a enfrentar problemas, não se permitem entristecer, sentir. A probabilidade de isso ocorrer só aumenta diante de um avanço tecnológico que lhes proporciona de maneira rápida o “bem-estar”. O que antes era visto como uma fase de enfrentamento de problemas, que a indicação de uma terapia desenvolveria

habilidades de enfrentamento no sujeito, hoje com poucos indícios se torna uma depressão medicada.

O presente trabalho não tem como objetivo negar a importância da medicalização na vida dos sujeitos, e em nenhum momento teve a pretensão de substituir essa necessidade em alguns casos do tratamento do sofrimento psíquico, mas sim chamar a atenção para o mercado existente que visa o lucro através do consumo e consequentemente o capital que essa medicalização gera. Este artigo se conclui de forma a propor esta compreensão de diferentes formas do saber onde a medicalização e o sofrimento psíquico estão presentes. O poder que a medicalização vem apresentando na sociedade através da subjugação dos corpos e controle das populações, assim como Michel Foucault em suas explicações desabafa a respeito do biopoder.

Devido a esses apontamentos é possível perceber que o medicamento ao mesmo tempo em que traz benefícios ao homem contemporâneo, proporciona consigo diferentes tipos de incapacidades e fraquezas, como a perda da autonomia e a dependência do medicamento. Na forma errônea no seu uso da medicação, entrega-se um forte poder nas mãos da indústria farmacêutica.

A sociologia apresenta a transformação da cultura social com relação à medicalização, desenvolvendo um modelo de saúde em que todos devem seguir, já que os sujeitos devem seguir um padrão “saudável” para serem aceitos, tornando assim sujeitos calados diante dos “benefícios” proporcionados pelo mercado farmacêutico.

A farmacologia aponta o excesso de gastos com o medicamento e sérias consequências na vida de indivíduos que fazem o uso indevido da medicação (MELO; RIBEIRO; STORPITIS 2006). Por fim o marketing pondera as relações do mercado de consumo com os estabelecimentos que enfrentam uma ampla concorrência. Devido a este mercado, juntamente com o avanço tecnológico, a medicação vem perdendo seu foco preventivo e curativo diante da sociedade.

Por meio dessa pesquisa, pode-se concluir que o fato de o medicamento ser percebido somente como um objeto de consumo pela sociedade, encobre a seriedade que ele deve ser tratado. Na sociedade hodierna, a utilização do medicamento tem sido indiscriminada e empregada para amenizar situações que são próprias da condição humana, sobretudo, quando se trata do sofrimento psíquico.

Para o sofrimento psíquico os benefícios da Psicologia superam, muitas vezes, a indicação de medicamento. Por definição Psicologia é uma ciência que estuda o comportamento humano e animal e os processos mentais (razão, sentimentos, pensamentos, atitudes). O corpo e a mente são estudados pela psicologia de forma integrada e não separadamente.

São benefícios que garantem ao indivíduo a conquista da superação, do amadurecimento, do autoconhecimento. É um processo que se esgota com medicamento, mas não se esgota com a Psicologia que busca no ser humano a

Laryssa Prado Henrard

Clayton Washington dos Reis

**A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

plenitude da alma.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Automedicação. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 47, n. 4, Dec. 2001.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302001000400001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302001000400001)

BEHELLI, L. P. C.. Antipsicóticos de ação prolongada no tratamento de manutenção da esquizofrenia. Parte II. O manejo do medicamento, integração da equipe multidisciplinar e perspectivas com a formulação de antipsicóticos de nova geração de ação prolongada. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. 2003, vol.11, n.4, p. 507-515.

BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003.

CALAZANS, R; LUSTOZA, R. Z. A medicalização do psíquico: os conceitos de vida e saúde. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Vol. 60, N° 1 (2008) Disponível em: <<http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/140/150>> Acesso em: 20 Jun 2010.

CANABARRO, R. C. dos S; ALVES, M. B. Uma pílula para (não) viver. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n.3, set. 2009.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300005)

CUSTODIO, B. B.; VARGAS, S. L. Z. **Propaganda de Medicamentos: medicamento e lucro. Uma associação pouco saudável**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, maio. 2005.  
[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/ct/pdf/scheila\\_vargas2005.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/ct/pdf/scheila_vargas2005.pdf)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 11ª ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, (1998/2000).

GONÇALVES, H. C. B.; FERREIRA, R. G. F. Os psicofármacos como uma necessidade temporal da atualidade: uma perspectiva psicológica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, Dezembro, 2008.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-)

Laryssa Prado Henrard

Clayton Washington dos Reis

## A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

02922008000200025

GUARIDO, R. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.33, n.1. Abr. 2007. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n1/a10v33n1.pdf>

IGNACIO, V. T. G.; NARDI, H. C. A medicalização como estratégia biopolítica: um estudo sobre o consumo de psicofármacos no contexto de um pequeno município do Rio Grande do Sul. **Psicologia Social**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, Dezembro, 2007. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300013)



Laryssa Prado Henrard

Clayton Washington dos Reis

## **A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

### **ABSTRACT**

This academic study examines the use of the medical drugs as a resource to help the mental suffering. It consists in a quantitative literature review using as main material: scientific articles, monographs, dissertations and thesis. It can be observed that the medical drug has been used indiscriminate to mitigate situations that are intrinsic in the human being condition itself, especially when it turns to the use of psychotropic medication, which has become an object of consumption in capitalist society.

**KEY WORDS** Medicalization; Psychic Suffering; Contemporary

**Recebido em 05 de junho de 2013; aprovado em 10 de novembro de 2013.**